

## A descoberta. Por Juliana Fernandes Gontijo.

- Tchau, mãe! Não vou demorar, porque tenho muito trabalho da escola para amanhã.
- Cadu, não vai. Deixa isso para depois. Mais um dia, menos um dia não fará muita diferença.
- É coisa rápida, só mesmo para devolver o livro de inglês. Chego em 2 horas no máximo. É só a conta de entregar e quitar a multa da biblioteca.
- Então pegue um dinheiro na minha bolsa e traga o pão para o lanche da noite. Vai com Deus, meu filho.
- Fica com Ele também, mãe Dora.

Veza por outra, ele chamava a mãe pelo nome. Deu um beijo nela e saiu em disparada. Era a terceira vez que ele saía de ônibus sozinho. Tinha apenas 14 anos. Como era muito alto, parecia uns 16. Um garoto bem responsável mesmo com tão pouca idade. Tomou o coletivo. A viagem era curta; uns 10 minutos no máximo. O desembarque ficava a umas seis quadras da escola de inglês, onde ele iria devolver o livro. Desceu rápido. "Chutou" um tempo do farol fechado para veículos mais ao longe, a fim de atravessar a avenida. Presumiu que estivesse sem carro, sinalizou para o veículo de trás e se mandou entre dois ônibus. Ao colocar o pé no canteiro central da via, um forte barulho de batida.

- Não! — Gritou uma mulher.

O filho de Dora foi ao chão, porque o triciclo não conseguiu frear. O motociclista parou um pouco à frente. Como percebeu que algumas pessoas já estavam por perto, ele deixou o local discretamente. Naquele tempo, não havia serviço móvel de urgência, nem sistema de câmeras nas ruas e avenidas.

O menino ficou alguns minutos sem consciência. Uma moça, dizendo ser enfermeira e de nome Soraya, prestou os primeiros socorros. Quando ele foi recobrando a consciência, ela imediatamente perguntou os dados pessoais, pedindo documentos e chamou um rapaz que estava na roda dos "bisbilhoteiros":

- O telefone do garoto, Carlos Eduardo, está aí. A mãe se chama Dora. Vá até o orelhão e ligue para os bombeiros, dê todos os dados e, em seguida, ligue para a mãe do menino. Seu nome, moço, qual é?
- Julião.
- Então vai logo. — O homem, sem gostar muito da incumbência, foi ao telefone.

Cadu começou a falar:

- Eu sou Carlos Eduardo Nogueira Souza. Minha mãe é Dora de Assis Nogueira e meu pai? Não sei onde ele anda. Tenho 14 anos. Estava indo devolver um livro na biblioteca da escola de inglês e pagar a multa. Acho que uma moto bateu em mim. Apaguei. Ei! Cadê meu livro, eu tenho que devolver logo.

— Está com Julião que foi chamar os bombeiros e ligar para sua mãe. Mais uma coisa: não foi uma moto, foi um triciclo.

— Ei, moça. Deixa eu levantar. Preciso devolver o livro. Estou bem, só a perna esquerda que dói um pouco. Vai dar encrenca com a minha mãe.

- Quietos aí, garoto! Sei o que estou fazendo.

A viatura do Corpo de Bombeiros chegou ao local e levou Cadu para o Pronto-Socorro. Soraya foi junto.

---

Do outro lado da cidade, o homem que atropelou Cadu não conseguia se acalmar. Tremia muito, mesmo com a fala acelerada. José Carlos estava completamente fora do seu estado normal. Com receio de acontecer o pior ou alguém ter anotado a placa do triciclo, decidiu fazer uma "peregrinação" pelos hospitais públicos da cidade.

"Começo pelo HPS. Meu Deus, proteja aquele menino! Que não lhe aconteça o pior. Não foi a minha intenção bater nele. Fico pensando se fosse filho meu, mas ele atravessou sem olhar a avenida. Se fosse moto..."

---

Dora chegou em poucos minutos no hospital. Ela estava tão desorientada que Cadu a escutou aos berros, procurando por ele na recepção. No entanto, nada poderia fazer para resolver o problema:

- Soraya, minha mãe está na recepção.
- Ok, vou até lá.

No balcão, Dora dizia que os documentos estavam na carteira do filho.

Soraya se apresentou para a mãe e contou o que houve. Dentro do possível, Cadu estava bem. A mãe agradeceu a ajuda e pegou o telefone da enfermeira, caso precisasse dela posteriormente:

— Se não fosse por você, não se o que seria de mim. Muito obrigada!  
— Seu filho, é um guerreiro, Dora. Não brigue com ele. Graças a Deus, ele está vivo.

Elas se despediram com um forte abraço.

A recepcionista pediu os documentos de Cadu.

— Estão na carteira do meu filho, já falei.

— Vamos buscar, senhora. Acalme-se.

— Como você quer que eu fique calma? Eu não sei o que aconteceu com meu filho! Anda logo.

— Aguarde ao lado por favor, senhora.

— Próximo!

— Meu nome é José Carlos e estou à procura de um garoto atropelado na avenida Rio Grande.

Ao ouvir “José Carlos”, Dora virou-se no balcão:

— O quê?

— Continue, senhor. — Disse a atendente.

— É que eu...

— José Carlos! O que você está fazendo aqui?

— Dora?! Quanto tempo! Eu atropeliei um garoto, a consciência pesou e...

— Que história é essa?

— Sim, infelizmente atropeliei um garoto na avenida Rio Grande. Foi há mais ou menos 1 hora.

— Você de novo, importunando a minha vida! Nem o Cadu você quis registrar!

— O que foi Dora?! Não entendi. Por que você está aqui, mulher?

— O garoto atropelado é meu filho. Nunca foi seu! Seu pilantra traidor!

Neste momento, o gerente do hospital interveio na briga que estava prestes a começar:

— Quem veio pelo menino Carlos Eduardo Nogueira?

— Eu! — Responderam Dora e José Carlos.

— Quem é o responsável afinal?

— Eu sou a mãe dele!

— E o senhor, quem é? — Perguntou o gerente confuso com a situação.

— Ele foi o homem que quase matou o MEU filho. Deve ser preso.

— Perdão, Dora. Como eu iria imaginar?

— Cala a boca!

Não quero saber de briga de casal aqui.

— Não somos um casal! — Gritou Dora.

— Então senhor, aguarde um instante que vou atender a mãe do garoto atropelado.

— Mas fui eu quem atrope...

— Está acontecendo alguma coisa a mais que ainda não sei? — Indagou o gerente do hospital.

— Não. Eu quero ver MEU filho. Quero saber como está o MEU filho. Estou ficando nervosa, moço! E quando eu fico nervosa, sai de baixo!

— Acalme-se, senhora.

— E eu sou o pai, que por uma infeliz coincidência do destino atropelou o próprio filho. — Respondeu impacientemente José Carlos encostado numa pilastra.

— Os dois para a minha sala, agora. Mas antes preciso de um policial, porque a coisa aqui está feia.

— Não entro na sala com este homem.

— Afinal, ele é ou não o seu marido, senhora?

— Nunca!

— Não somos casados. — Respondeu José Carlos.

— Vamos sair daqui. Sem briga na recepção. Já falei!

Dora contou a história que ficou sabendo de Julião. José Roberto deu a sua versão do atropelamento, dizendo que o garoto fora o culpado.

— Como assim, meu filho culpado? Você evadiu-se do local. Esse homem tem que ser preso.

— Eu tenho culpa de ter saído, mas o menino atravessou entre dois ônibus e não consegui frear o triciclo.

— Meu filho não faria isso. Você não vai entrar na enfermaria comigo, José Carlos! Não vai!

— Epa! Sem brigas aqui. Já avisei!

— E você, Dora, não vai deixar o meu filho saber que eu sou pai dele? Eu preciso pedir perdão pelo fiz. Não iria conseguir dormir à noite por ele ou por ninguém.

— Pelo atropelamento ou por ter me traído com a secretária?

— Já chega! Ou vou ter que chamar realmente o policial ali fora! — Gritou o gerente.

Eles fizeram silêncio.

Cadu passou por tomografia crânio-encefálica, porque foram quase 5 minutos de desmaio. Um traumatismo craniano leve, que muito provavelmente não deixaria sequelas. Todos os reflexos estavam OK. Passou por raio-X de bacia. Fratura em dois lugares no ísquio esquerdo, mas não seria preciso cirurgia, logo um mês de repouso absoluto. Era ainda “criança” e assim tinha vantagem na recuperação. Leves escoriações pelo corpo e um baita galo na cabeça. Garoto sortudo! Por poucos centímetros pisaria totalmente no canteiro central da avenida e o triciclo teria ido embora; por outros poucos centímetros, sofreria fratura no pescoço. Morte praticamente súbita.

— Dora chegou à enfermaria de recuperação e o filho, querendo se levantar, logo pediu desculpas:

— Mãe Dora, fiz burrada. A senhora me perdoa?

— Meu filho! Depois a gente conversa sobre isso.

— Atravessei entre dois ônibus, eu fui culpado sim.

— Filho, não adianta isso agora. Tem uma pessoa aí querendo te ver.

— Quem, mãe? O cara que me atropelou? Só sei que foi uma moto grande.

— Foi um triciclo, filho.

Naquele momento, José Carlos entrou na enfermaria:

— Carlos Eduardo?

O menino tomou um susto. Era como se ele estivesse “se vendo” no futuro, tamanha era a semelhança física entre ele o homem que o atropelou.

— Quem é você?

— Sou, eu, filho! Desculpa por ter te atropelado, mas você passou entre dois ônibus e não consegui frear e...

— Como assim, filho? Eu não tenho pai. Quem é você? Eu sei que fui errado, mas não entendo. Quem é você, responde!

— Cadu, infelizmente esse é José Carlos, seu pai.

— Eu não tenho pai, mãe. Você falou que me atropelou. E por que fugiu, cara? Como pode ser tão parecido comigo?

— Ele é realmente seu pai, filho. Eu nunca quis te contar a história e nem é o momento, mas esse homem me traiu com a secretária da empresa quando eu estava grávida de você!

— Parece que o destino nos pregou uma grande peça, não é verdade, Dora?

— Eu não tenho pai. Vai embora daqui. E por que você não me falou, mãe? Eu perguntei tantas vezes.

O neurologista chegou à enfermaria para repreender a discussão da suposta família:

— O garoto passou por um trauma e quase morreu. Vão brigar lá na rua! Estão atrapalhando a recuperação dele e de outras pessoas internadas.

— Doutor, tire a minha mãe e esse homem daqui. Eu quero ficar sozinho.

— Não posso, Carlos Eduardo. Sua mãe tem que ficar. — Disse o médico.

— Então, ele sai! Eu não tenho pai. Eu peço desculpa, porque te atrapalhei no seu passeio de triciclo. Só isso.

— Sai, José Carlos. Cadu não quer você aqui e nem eu.

— Filho, me perdoa. Eu não iria conseguir dormir à noite, com quem quer que fosse a vítima. Estou falando a verdade. Estou tão surpreso quanto você. Eu só descobri isso agora.

— Um dia a gente conversa, quem sabe um dia a gente conversa, né? — Disse o garoto apertando uma das mãos de sua mãe que estava ao seu lado, como se quisesse proteção.

— Pense bem, meu filho! Eu te peço perdão por tudo.

— Graças a Deus, estou vivo, cara! Vai embora! Quem sabe um dia a gente conversa e poderá se entender? Só o tempo vai dar a resposta.

---